"O PAULADAS"



BOLETIM INFORMATIVO DA

APJP

Nº. 2/3

DATA NOV-DEZ/77

Sede provisória: Rua das Portas de Stº Antão 110-1º -Lx2

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DO JOGO DO PAU - APJP

dos Estatutos:

Capítulo I - Denominação, sede e fins

Artº 1º- A Associação Portuguesa do Jogo do Pau, com a sigla APJP, é um organismo de carácter desportivo e cultural, tem duração indeterminada e rege-se pelos presentes estatutos, pelas normas regulamentares e em conformidade com a entidade nacional responsável pelo respectivo sector.

Artº 2º- A sua sede é em Lisboa, provisòriamente na Rua das Portas de Santo Antão 110, podendo ter delegações em qualquer outra parte do país e entre colónias de emigrantes portugueses.

Artº 3º- A APJP tem por fim o estudo, a prática, a divulgação e a dignificação do jogo do pau, como arte tradicional portuguesa.

Artº 4º- A APJP é composta por um número ilimitado de associados que pratiquem jogo do pau.

...

das Normas Regulamentares:

...

Artº 5º- São devidas as seguintes taxas anuais à APJP:

sócios sigulares
- efectivos e suplentes .... 100$00
- agentes de ensino remunerados ...... 250$00

sócios colectivos - centros ou secções - .... 500$00

a) as taxas deverão ser pagas no 1º mês de cada ano desportivo (Outubro) ou quando do acto de inscrição na APJP;

...

Artº 37º- Os sócios dividem-se em duas qualidades:

a) colectivos (centros ou secções);

b) singulares, os quais se subdividem em dois escalões etários:

efectivos (praticantes e agentes de ensino) - idade igual ou superior a 18 anos, no início do ano desportivo decorrente, e

suplentes (praticantes) - idade inferior a 18 anos no início do ano desportivo decorrente.

...

———————— X X X X ————————

A APJP, pelos seus regulamentos, não pode filiar, como Centros, escolas que não ensinem o estilo "Pedro Ferreira", digamos que estilo oficial da Associação, e pelo qual terão que ser sempre responsáveis agentes de ensino devidamente graduados e reconhecidos pela Comissão Técnica da mesma. Procurou-se com esta medida, ao contrário do que pode parecer à primeira vista, acautelar, a longo prazo, a sobrevivência e revitalização dos vários estilos, os quais deverão, logo que possível, criar as devidas e necessárias Associações regionais, com vista ainda a uma Federação nacional. No entanto, e reconhecendo que, pelas estruturas que criou e por se encontrar em Lisboa, a APJP pode, desde já, trabalhar para si e para os outros, considerando, como se refere no artº 3º dos Estatutos, o Jogo do Pau como "arte portuguesa", portanto supra-escolas, são aceites filiações individuais de praticantes de qualquer estilo, com a designação de "praticantes tradicionais" e entre jogadores antigos e actuais. Nesse sentido, a tremenda importância que tem a filiação, na APJP, de todos os antigos e actuais praticantes de país.

- - - - - - - - - - - -

E D I T O R I A L

A fim de ultrapassarmos o atrazo que se verificou em relação à saída do número 1 do nosso boletim e para obviar, tambem, a uma certa falta de colaboração (embora neste número apareça já um artigo de um sócio que não pertence aos orgãos directivos da APJP), resolvemos elaborar um número duplo, 2/3, referente a Novembro e Dezembro.

Em "editorial" do nº 1 falávamos em sugestões dos assinantes e num concurso para um novo cabeçalho . Por atrazo de distribuição do número anterior, não nos é possível publicar as sugestões e desenhos respectivos, pelo que continuamos a aceitar as vossas idéias para alteração da capa de "O Pauladas". Rememoramos que devido aos condicionalismos de feitura desta publicação, os desenhos e letras devem ser simples, sem sombras e com traço vigoroso e não muito fino.

A partir do próximo número vamos tambem tentar melhorar o conteúdo do boletim, incluindo fotocópias de documentos que tenham interesse, e outros, já que não nos é possível a inclusão de fotografias. No entanto, tal melhoramento implica um agravamento acentuado no custo da publicação, o qual só poderá ser compensado pelo aumento do número de assinantes. Daí a continuação de apresentação do n/boletim de donativo/compensação, sugerindo a contribuição mínima anual de 40$00 para os sócios da A.P.J.P. e 60$00 para os restantes interessados, solicitandoa devida inscrição e o respectivo envio para a A.P.J.P., Rua das Portas de Stº. Antão 110, Lisboa 2, o mais rápido possível.

Finalmente, voltamos a apelar para a participação de todos os assinantes, de todos os sócios e de todos os interessados, na elaboração de "O Pauladas", para que este possa, na realidade, ser um boletim que interesse a todos. Recordações, anedotas, histórias, artigos de fundo, desenhos, etc., são sempre assuntos a darem interesse a esta publicação, e até a sua razão de ser.

- - - - - - - - - - - - - cortar por aqui - - - - - - - - - - - -

-APJP-

Boletim de donativo/compensação a "O Pauladas"

________________________________ (nome), sócio/não sócio (riscar o que não interessa) da APJP, desejando receber o boletim "O Pauladas" e desejando tambem contribuir para a sua viabilidade economica, envia um donativo (cheque/vale/em mão) de ___$oo (sugestão da APJP: 40$00-sócios e 60$00--não sócios ... mínimo).

__________, ___/___/___

___________________________(assinatura)

A comunicação social e o jogo do pau

De há uns tempos para cá, têm aparecido nos orgãos de comunicação social, artigos, alguns bastante extensos, sobre o jogo do pau e tambem sobre a AFJP. É possível que não tenhamos lido todos esses artigos, e portanto não os teremos recortado para o nosso álbum. Vamos dar indicação dos que conhecemos, com o duplo propósito de possibilitarmos a sua leitura aos interessados e tambem de sermos informados, por quem saiba, dos que estão em falta.

Jornal Novo- 6/5/77 - Estatutos da AFJP;

Diário de Notícias- 28/4/78, Jornal Novo- 6/5/77, O Dia--13/5/77 e Mundo Desportivo- ?/5/77 - pequenos artigos sobre a fundação da AFJP e sobre a festa-demonstração comemorativa;

Jornal Novo- 22/9/77 - "O jogo do pau - um desporto português", artigo de meia página, com fotografia, sobre o estágio de monitores levado a efeito na Caparica;

O Diário- 8/10/77 - "Jogo do pau tem associação", artigo a uma coluna, com desenho, sobre o referido estágio e sobre a associação;

Mundo Desportivo- 26/10/77 - "Jogo do pau tem associação - a prática relançada num estágio de Verão", artigo a 4 colunas e fotografia, sobre o mesmo estágio, o jogo do pau e a AFJP;

A Capital- 5/11/77 - "Jogo do pau - marmeleiro é espada em esgrima portuguesa", artigo com introdução e fotografia na 1ª página, e duas páginas e 3 fotografias, interiores, sobre o jogo do pau;

Diário Popular- 3/12/77 - "O jogo do pau - uma arte (marcial ?) portuguesa que renasce da tradição", artigo na dupla página central e continuação a 3 colunas noutra, ilustrada com 5 fotografias, e

(continua)

NOTA:

No caso de desejar receber o Boletim da AFJP por correio (agradece-se que, dentro do possível, apenas o peçam assim os residentes fora de Lisboa), indicar a morada para onde deve ser enviado: ______________________

x x x x x x x x x x x x x x x x x

Sugestões:

<u>a comunicação social e...</u> (continuação)

Radiotelevisão Portuguesa - 18/12/77 - entrevista com dois dirigentes da APJP e passagem de pequeno filme ilustrativo, no programa "Grande encontro", de Mário Zambujal.

É muito natural que nos tenham passado despercebidos alguns (muitos ?) artigos e referências ao jogo do pau e à APJP. O facto, que lastimamos, merece as nossas desculpas às respectivas redacções. A todas elas, tambem, os nossos agradecimentos pela espaço que nos têm dedicado ....e,esperamos, nos continuem a dedicar. De notar que apenas fizémos referência a artigos saídos depois da fundação da APJP, sabendo que antes dessa data muitos outros terão saído. Agradecemos a todos os que nos possam indicar, ou enviar, elementos sobre tudo o publicado desde sempre e em qualquer jornal ou revista. É com base nesta cooperação de todos os que se interessam pelo jogo do pau que se poderá fazer a completa História desta arte tradicional portuguesa.

x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-

ESGRIMA NACIONAL - JOGO DO PAU

pelo Mestre José Ribeiro Chula

O jogo do pau é uma modalidade desportiva genuinamente portuguesa que foi praticada pelos nossos antepassados, já em tempos remotos,não como desporto, mas sim como uma arte. Era com o jogo do pau que atacavam e se defendiam dos seus inimigos, segundo alguns escritos.

O pau era a arma com que se esgrimiam com valentia, e venciam as batalhas da época..Com o decorrer dos tempos, o jogo do pau começou a ser praticado como desporto. Nos fins do século passado e principios deste (XX), teve um grande desenvolvimento desportivo, atingiu o prestígio nacional! Foi com esse prestígio e orgulho que os nossos jogadores se batiam com valentia, destreza e lealdade, porque eram estas,e são, devem ser sempre, as verdadeiras características do jogo do pau.

Esta modalidade se teve o seu desenvolvimento e resistiu até aos nossos dias, isso se deve ao esforço moral e material dos seus praticantes e admiradores,porque nunca teve qualquer apoio moral ou material das entidades oficiais. Mas hoje temos a esperança que estejam criadas as condições para que o jogo do pau ocupe na sociedade portuguesa o lugar que merece, como desporto que é, genuinamente português. Pois foi fundada ainda recentemente a Associação Portuguesa do Jogo do Pau (da qual me prezo de ser seu filiado), que está empregando todos os esforços através dos meios competentes, para o desenvolvimento da nossa esgrima, a nível nacional. Mas tambem é indispensável a colaboração de todos, novos e velhoe Mestres desta modalidade. E tambem a colaboração da nossa juventude, para novos praticantes. Jovens portugueses,o jogo do pau é um desporto muito útil ao nosso desenvolvimento físico, desenvolve os nossos reflexos visuais

(continua)

e desenvolve a nossa inteligência, porque o jogo do pau é científico e não rude como muitos o julgavam. E aqui faço mais uma vez o meu apelo aos praticantes do jogo do pau,dêm a sua colaboração à Associação Portuguesa do Jogo do Pau. E tambem faço o meu modesto apelo aos respectivos orgãos de informação e entidades oficiais e particulares para que dêem a sua ajudazinha a esta jovem agremiação desportiva. E só assim se poderá levar ao conhecimento da nossa juventude esta modalidade desportiva que é o jogo do pau, e contribuir para o seu desenvolvimento através das colectividades desportivas e recreativas, e o jogo do pau tambem tem um lugar de destaque no folclore nacional.

As escolas particulares tambem têm um papel a desempenhar, com a sua colaboração e filiação na referida associação. Porque ainda existem algumas escolas fora de Lisboa, com o esforço e carolice de alguns velhos mestres. Porque além deste desporto ter atravessado uma fase de decadência, têm sempre, mais ou menos, praticado o jogo do pau. Estou a referir-me às escolas que conheci no distrito de Setúbal,porque em minha opinião pessoal, creio que aonde mais se praticou o jogo do pau, foi neste distrito,desde o princípio deste século. Escolas e mestres que conheci: David Lourenço, na Herdade do Rio Frio - - Montijo; Morais Calado (o Preto), Pinhal Novo; Henrique Margarido, Pinhal Novo; António Moleiro, com várias escolas, em Valdera, Poceirão - Palmela, Rio Frio e Atalaia - Montijo; Domingos Varejão e Domingos Miguel, Concelho de Almada; João Lavrador, no Barreiro, Coina e Alhos Vedros; José Pedro Severo, no Barreiro e Moita; Brandão e F. Malacuto, no Barreiro e arredores; Henrique Valente, Arroteia - Alhos Vedros; Guilherme Tanganho, no Barreiro; Casimiro Delgado, Valdera. Escolas e Mestres actuais: Custódio Neves, Lagameças - Palmela; Silvino Melro, na Moita e arredores e José Ribeiro Chula, em Vinha das Pedras - - Alhos Vedros. Este mestre teve várias escolas, na Moita e Grupo Desportivo da CUF. E teve óptimos jogadores, mas por motivos vários foram abandonando o jogo do pau, e esta escola à cerca de três anos que não funcionava. Mas hoje, este Mestre formou uma escola juvenil que tem já mais de uma dezena de jovens dos 12 aos 16 anos e todos muito entusiastas do jogo do pau. Esta escola foi recriada a partir do encontro nacional dos jogadores do jau, de S. Martinho do Porto, em 24 e 25-9-77, organizado pela Associação Portuguesa do Jogo do Pau. E foi com o estímulo desta Associação que esta escola foi reorganizada, e tambem para poder dar a minha colaboração para o desenvolvimento da nossa esgrima.

E hoje mais uma vez estamos aqui reunidos neste almoço de confraternização entre jogadores e seus amigos, como prova de leal camaradagem, sempre dispostos a dar a sua melhor colaboração, em prol do desenvolvimento desta nobre modalidade desportiva.

Vivam os jogadores do pau e seus admiradores !
Viva a Associação Portuguesa do Jogo do Pau !
Viva a esgrima nacional !

(lido e entregue à APJP, pelo autor, num almoço, em 27NOV77)

O que é o Jogo do Pau ? — por Nuno Russo

O jogo do pau português é simplesmente uma prática. Se quizermos ir mais longe, poderemos até dizer que é a prática de uma técnica de luta tradicional portuguesa que usa como arma um simples pau.

À primeira vista, isto poderá parecer muito simples, mas na verdade não o é, porque uma técnica tão rica como a nossa infelizmente não se aprende estando sentado em casa a ler ou a ver televisão. É realmente preciso praticá-la.

A técnica pode variar de escola para escola, de mestre para mestre, mas é sempre boa desde que seja ensinada com consciência e honestidade. Mas para que a prática dessa técnica (seja ela qual fôr) venha a ser possível, são necessárias três coisas fundamentais: o pau, o local de treino e o treino pròpriamente dito. Neste artigo vamo-nos debruçar, por ordem de prioridade, sobre a primeira delas: o pau. Das duas restantes nos ocuparemos em próximo número de "O Pauladas".

-Qualidades da vara. Respectiva altura,peso e feitio.-

O pau para jogar (o varapau) não deve ser excessivamente pesado, mas resistente, suficientèmente flexível e macio (não deve transmitir a vibração das pancadas às mãos de quem o segura). O seu comprimento é 1,60 m., medida que nunca deve ser excedida, a fim de evitar que a vara toque no chão, quando se volteia. O peso será aproximadamente 600 gr. Quanto ao seu feitio, deve ser de tal forma que uma das extremidades seja levemente mais fina (aquela por onde se empunha o pau) do que a outra (aquela que bate).

As madeiras mais usadas são as de: marmeleiro, freixo, carvalho, castanho e lódão. Segundo informação do mestre Pedro Ferreira, antigamente no Minho, naqueles tempos heróicos dos varredores de feiras, onde todos os problemas se resolviam às pauladas, os velhos mestres acbnselhavam a vara de salgueiro, quando se procurava ou esperava desordem, porque a sua resistência e peso permitiam o combate prolongado contra vários adversários. No entanto, as madeiras mais usadas são as de castanho e lódão, sendo esta última, incontestàvelmente, a preferida, a vara típica de todos os bons jogadores em todos os tempos, por reunir em si todas as qualidades que deve possuir um bom pau, pára o nosso tipo de jogo (resistência, flexibilidade, maciez e beleza natural).

Estes são pois, os requisitos uormalmente requiridos à um pau de jogo ou de combate. Contudo, aconselha-se para treino, o uso de paus pesados e defeituosos, para obrigar o praticante a um trabalho mais intenso, de modo a permitir adquirir mais fàcilmente uma maior maleabilidade no seu trabalho.

A partir de um certo estado de adiantamento, é normal que o jogador escolha a vara a que melhor se adapte, pelo seu feitio, qualidade, peso e mesmo altura.

XXXXX ---- XXX -- X

NOTICIÁRIO



- Em resposta ao nosso apelo, lançado através do programa "Grande Encontro", na RTP, em 18/12/77, várias foram as cartas que recebemos, umas oferecendo colaboração, outras pedindo informações sobre inscrição na APJP ou em centros e escolas de jogo do pau. Em cima, a reprodução (má ...), de um postal enviado pelo Sr. Joaquim Loureiro Bastos (de Fafe, claro), e que acompanha úteis informações. Preciosa colaboração foi tambem prestada, como mais pormenorizadamente noticiamos na última parte do suplemento deste número de "O Pauladas", pelo Sr. Dr. Paulo Caratão Soromenho.

Mesmo correndo o risco de esquecer algum nome, de que pedimos antecipadamente desculpa, queremos assinalar as cartas dos Srs. Lopes de Oliveira (Bucos), Fernando Moura (Barracão-Montalegre) e Felisberto Ferreira Neves (S. Pedro do Estoril). Bastantes têm sido, tambem, os contactos pessoais procurados e as novas inscrições verificadas.

- Em 27NOV77, a APJP organizou um almoço de confraternização entre praticantes e simpatizantes da modalidade, o qual contou com a presença de cerca de três dezenas de amigos. Realizado em Vale de Lobos, foi acompanhado por uma exposição de fotografias, postais e paus, material esse emprestado por vários sócios, tendo tambem sido projectados alguns filmes. Finalmente, Mestre José Ribeiro Chula leu um seu artigo, o qual é reproduzido neste mesmo número do boletim.

- Em 8JAN78, a APJP "provocou" um outro almoço de confraternização, o qual desta vez decorreu na Moita, tendo-se depois seguido para Lagameças e Poceirão, onde Mestres e alunos das várias escolas presentes fizeram alguns combates/demonstração, em "ar" apenas de brincadeira.
Esta reunião, para além do puro convívio, serviu tambem para

(continua)

- noticiário ...

pôr em contacto os responsáveis pelas escolas do Poceirão, da Moita e de Alhos Vedros (respectivamente Mestres Custódio das Neves, Silvino Melro e Ribeiro Chula) e os Comandante dos Bombeiros da Moita e Delegado Regional de Setúbal do FAOJ, com vista a procurarem encontrar soluções concretas para os vários e difíceis problemas com que se debatem, entre os quais, o de instalações para treinos. Para já, e como primeiro passo, ficou marcada uma reunião ainda para JAN, destas mesmas entidades, a fim de conseguirem trabalho e proveito comuns.

- É do nº 2 . ano 1 de "Tempo Livre", revista de abril-maio de 1977, do FAOJ, que transcrevemos parte do artigo intitulado "Onde estão os jogadores do jogo do pau ?":

"... O que sabes acerca deste jogo ? Quem conheces que o pratique ? Que tradições tem ou teve na tua região ?

Investiga junto dos mais velhos e recolhe elementos referentes à sua prática, suas técnicas e seus "mestres". Envia-nos os resultados da tua pesquisa e recolha.

É que, por um lado, esses elementos ser-nos-ão preciosos para um estudo da expressão cultural que o jogo representa ou representou nas várias regiões do País, e por outro lado o levantamento dos locais e pessoas que ainda o praticam permitir-nos-ão que possamos contribuir para a sua dinamização, apoiando-o ou promovendo-o.

Entretanto, podemos adiantar que decorre, neste momento, através das vinte e duas delegações regionais do FAOJ, um inquérito/recolha sobre todos os dados que se prendem com a prática do "Jogo do Pau", por forma a que não desapareça definitivamente esta arte tão rica de tradição".

Pelo FAOJ tem-nos sido dado conhecimento das respostas e outras informações obtidas, algumas de muito interesse, e da análise do até agora conseguido pelo FAOJ e pela APJP esperamos, num dos próximos números, publicar um estudo, o mais pormenorizado possível. Para que, realmente, possamos dispôr de elementos válidos suficientes para esse trabalho, mais uma vez apelamos a todos os antigos e actuais praticantes e ainda aos simpatizantes para que nos forneçam todos os dados, histórias, documentos e mais informações, mesmo que a cada um pareçam sem importância.

- A APJP foi convidada, pelo CDUL, a apresentar uma classe de demonstração durante as comemorações do seu 25º aniversário, que decorreram no fim de semana de 17.18DEZ77, no Estádio Universitário de Lisboa. Devido a necessárias alterações de última hora no programa não foi possível essa apresentação, o que o próprio CDUL lamenta em carta dirigida à Associação. Prosseguem, no entanto, com boas perspectivas, os contactos para a abertura de mais um centro da APJP, exactamente no CDUL.

- A biblioteca da APJP tem recebido mais algumas obras, nomeadamente revistas especializadas da DGD e do FAOJ.

x x x x x x x x .

x

primeiros socorros - II

por Acácio Gouveia

-Síncopes e percas de conhecimento.

Vamos hoje abordar um tema vasto que engloba diversas situações. A perca de conhecimento, isto é, o desmaio, pode ter várias causas: desde o traumatismo craneano (situação para a qual reservaremos um artigo) até à síncope cardíaca, passando pelo cansaço intenso aliado à fraqueza, podem originá-lo. Algumas das situações que focaremos, teòricamente, nunca deveriam suceder a praticantes do Jogo do Pau, isto porque um atestado médico deveria ser exigido a todos os candidatos a praticantes. Evitar-se-íam assim muitos riscos inúteis para aqueles que desconhecendo as doenças de que são portadores, desejem, inadvertidamente, praticar desportos violentos como o Jogo do Pau. Porém, conscientes da realidade com que temos de nos haver, resolvemos mencionar, neste artigo, tais casos.

Falemos, pois, dos primeiros socorros a prestar a vítima que tenha perdido os sentidos. Qualquer pessoa desmaiada corre, antes de mais, o perigo de morrer asfixiada: primeiro, se ficar deitada de barriga para cima; neste caso, a base da língua obstruirá a passagem do ar para os pulmões; segundo, se alguém tiver a fraca lembrança de lhe dar uma "pinga de água a beber".

Portanto, eis as primeiras regras práticas a reter:

1- no caso de a vítima se encontrar, mais ou menos, deitada de costas, obstar-se-á ao perigo de asfixia se a) deitarmos a vítima de lado; b) lhe virarmos bem a cabeça para um lado e c) colocando-lhe uma mão por baixo da nuca, lhe puxarmos o pescoço para cima.

O 1º caso usar-se-á de preferência se a vítima vomitar ou se se babar. Caso contrário (o mais frequente, aliás) os outros dois são suficientes.

2- Uma regra essencial é nunca, mas mesmo nunca, dar de beber, seja o que fôr, a uma pessoa desmaiada.

Cabe ainda referir aqui que as bebidas alcoólicas, quaisquer que elas sejam, não são estimulantes e nunca deverão ser usadas como "remédios para arribar" com qualquer pessoa que tenha acordado ou esteja na eminência de desmaiar.

Passemos a alguns casos concretos de perca de conhecimento e respectivo socorro.

a) Tomemos o caso, talvez mais frequente e feliz, e menos grave, do simples desmaio motivado por excesso de esforço, aliado, por vezes, a fraqueza momentânea. Nesta situação, a vítima tem suores frios, está pálida, o pulso é fraco e rápido. A vítima perde os sentidos lentamente.

Como primeiro socorro, além dos cuidados acima referidos, devemos deitar a vítima com as pernas ligeiramente mais altas que a cabeça. Se isto não fôr suficiente para acordá-la, umas chapadas na face fá-lo-ão. Depois de acordar, pode dar-se-lhe café ou chá fortes.

(continua)

-primeiros socorros - II ...

b) Um eventual praticante de jogo do pau cardíaco, poderia ter uma crise durante um treino. Tal situação pode não acarretar forçosamente a perca dos sentidos, mas conhece-se pela dor que além de atingir o peito pode irradiar para o pescoço, braço esquerdo, etc.. Esta dor obriga a vítima a crispar amão sobre o peito.

É necessário fazer o transporte rápido a centro hospitalar. A imobilidade absoluta impõe-se.

c) Num caso de epilépsia, a vítima perde bruscamente o conhecimento, seguindo-se uma fase de convulsões.

O 1º socorro tem como fito evitar que a vítima se magoe. Para isso há que a segurar mas sem lhe impedir totalmente os movimentos, tendo em especial atenção a cabeça. Para evitar que a vítima morda a língua, convem meter-lhe entre os dentes qualquer coisa como um lenço dobrado, impedindo assim que feche a boca.

x x x x ---- x x x x

<u>História do Jogo do Pau</u> - II
por Francisco Sécio

Vamos hoje falar alguma coisa sobre o designado Jogo do Norte.

- A forma de Jogo do Pau no norte do país -

O Jogo do Pau no norte do país é essencialmente jogado com o auxílio das duas mãos, pegando estas numa das extremidades do pau ou até no seu meio (à moda dos escoteiros), aliás como se pensa que era jogado o antigo jogo do norte, conhecido pelo jogo do Minho (de que falaremos mais adiante). Dentro desta primeira forma de jogo, destacam-se, na actualidade, as "escolas" de Abadim, cujo mestre é António Fortela, e a antiga de Bucos (de entre os seus jogadores quero referir Fernando Oliveira e Fernando Braz, ambos sócios da APJP) de que foi grande mestre, já falecido, o sr. Ernesto, e ainda muitos outros jogadores em toda a vasta região de Minho e Trás-os-Montes, como seja o jogador José Ferreira, residente em Açoreira (Serra do Gerêz).

Das escolas seguidores do antigo jogo do Minho, pensa-se serem exemplo as três de Fafe, se bem que o modo como jogam deva ter evoluído em relação a essas técnicas antigas. Aliás, sobre estas escolas está-se a organizar uma pesquisa técnica e histórica cujos elementos serão comunicados, posteriormente, neste boletim. Muitos outros jogadores, e até escolas, pensamos que possam existir no norte do país, mas por falta de recursos humanos e materiais ainda não nos foi possível investigar.

Sobre a forma de jogo do norte tem-se a considerar uma característica importante: normalmente o homem nortenho quando tinha de utilizar os seus conhecimentos de jogo raramente era contra um só indivíduo. As esperas, as lutas de feira, eram normalmente de um homem contra vários -

(continua)

...história ...

adversários. Deste modo o jogo do norte aparece quási sempre sob a forma de jogo de 1 para 2, de 1 para 3, do meio ladeado ou ainda de feira; de qualquer maneira sempre contra vários jogadores. Tem-se, desta forma, uma rotação contínua do pau em várias direcções, como que pretendendo formar com ele uma barreira, deslocando-o com muita velocidade.

Problemas técnicos não os vou apontar aqui, pois ficarão para outras edições da AFJP, fora deste Boletim.

- Desordens em feiras e rivalidades entre aldeias -

"... Quando eu fôr pela estrada onde haja uma árvore, a esquina duma parede ou mesmo um penedo devo, se fôr direito, pegar no pau com a mão esquerda, passar para o outro lado a vigiar sempre para não ser atraiçoado.

Quando estiver n'uma feira devo estar atento e vigiar para todos os pontos; se vier um homem desconhecido pela banda das minhas costas passarei para o lado do meu amigo a fim de ficar de cara com o homem e não ser atraiçoado.

Igualmente, quando de noite me retirar d'alguma casa, darei à saída da porta, uma pancada forte na soleira, sempre coberto com o meu pau para evitar alguma traição.

Quando de noite fôr bater a qualquer casa pegarei no meu chapéu e po-lo-ei na ponta do meu pau; e assim que se me abrir a porta darei uma passada forte e ao mesmo tempo meterei o pau adiante com o chapéu em cima; se casualmente vier alguma pancada apanha-la-á o chapéu e não a minha cabeça..."

Todo este clima de permanente atenção e estas formas de evitar ataques traiçoeiros, é-nos descrita aqui por Joaquim António Ferreira, autor de "Arte do Jogo do Pau", publicação de 1886 (talvez o primeiro livro totalmente escrito sobre o assunto do jogo do pau).

Por este pequeno excerto se pode depreender que o homem nortenho tinha que estar sempre preparado para uma "lutazinha". Pelos mais variados motivos (namoros, desvios de águas de irrigação, etc.) os homens batiam-se com paus. Quem, neste país, não conhece as lutas com paus em feiras (não só no norte, mas em todo o país) onde aldeias inteiras se defrontavam em combates sangrentos e até mortais ?

Até perto dos nossos dias, estas cenas faziam parte do quotidiano do homem do norte, acabando a G.N.R. por pôr fim a essas richas, recolhendo os paus à entrada das feiras e romarias e vigiando de modo mais eficaz as terreolas do norte de Portugal. Conta-se mesmo que haviam jogadores que íam provocar disturbios, de propósito, às feiras e romarias só com o intuito de se treinarem, fazendo uma "saída estratégica" num cavalo ou mula prèviamente escondido atrás de um muro, nas proximidades, quando a coisa começava a "aquecer". Outros episódios referem-se a vinganças e desforras entre aldeias, devido a uma das partes ter sido vencida na feira anterior. Organizavam-se então estratégias de combate para apanhar de surpresa os jogadores da aldeia adversária.

Era pois assim a vida no nosso país até à anos (no que se refere ao jogo do pau, com certeza!). Hoje em dia

(continua)

histora ...
já nada, ou quási nada disto, se passa, pois o número de jogadores de pau diminuiu muito e os bons jogadores ou já não entram nestas refregas ou, muitos, até já morreram, e hoje a uma afronta de qualquer espécie há sempre um tirito de caçadeira para resolver o assunto rápida e eficazmente, com o esforço mínimo de preccionar o gatilho.

- O Jogo do Minho e o jogo da foice roçadora -

Vamos agora falar (pouco) sobre o Jogo do Minho.

Falando honestamente, quási nada se sabe sobre este jogo. As informações colhidas resumem-se quási a histórias e episódios contados por Mestre Pedro Ferreira, que se conseguiu relacionar um pouco com o jogo praticado em Fafe, o que nos leva a supor que talvez o jogo de Fafe seja o que está mais perto do Jogo do Minho.

Sob a forma de jogo já atraz se disse que o jogo do Minho é praticado segurando o pau a meio e as mãos correndo de um lado para o outro do pau.

Vamos agora falar de um jogo característico mais da região de Trás-os-Montes mas tambem praticado no Minho. Trata-se pois do Jogo da Foice Roçadora que além da vara utiliza um aparelho adicional denominado por foice roçadora, instrumento que serve geralmente para cortar silvas e que devidamente preso numa das extremidades do pau pode ser usado para produzir estragos mais apreciáveis que a vulgar vara de lódão.

Aliás esta armr mais mortífera justifica-se na região de Trás-os-Montes onde os caminhos eram longos e perigosos, infestados de assaltantes e feras, possibilitando assim ao caminhante conseguir uma certa vantagem sobre os seus adversários.

A foice roçadora podia ainda ser usada fora do pau como simples arma branca.

- Alusão a alguns mestres de Jogo do Norte -

Sobre o Jogo do Norte quase que não há obras escritas o que torna muito díficil o conhecimento deste jogo no século passado. Deste modo os nomes de mestres que chegaram até nós foram só por via oral, o que torna estas informações incompletas e até talvez incorrectas.

Do mestre mais antigo que se tem conhecimento é de Calado Campos, mais conhecido por "o preto". Sabe-se, no entanto, da existência de muitos outros contemporâneos mas cujos nomes ficaram esquecidos. Mestre Calado Campos (que foi igualmente mestre na zona de Setubal) deixou muitos alunos e mestres, dos quais aos nossos dias chegaram Mestre Ernesto, antigo mestre da escola de Sucos e infelizmente falecido em Novembro de 1974, e Mestre António Fortela, actual mestre da escola de Abadim, tal como Sucos, cerca de Cabeceiras de Basto.

- Decadência do jogo do pau no Norte -

Todos estes tempos de lutas de pau nas feiras e romarias são águas passadas. Realmente, por volta dos anos

(continua)

história ...

30, o jogo do pau em todo o país foi atingido pela decadência.

No entanto, as razões dessa quebra não foram as mesmas em todo o território. No Norte, elas são várias e intimamente ligadas. Depois de todas as lutas em feiras, a acção da autoridade fez-se sentir, proibindo o uso do pau no recintos de feira. Contra estas medidas foi inventado todo o género de estratagemas, os quais, no entanto, não puderam ser utilizados mais do que uma vez. Tambem a emigração para o estranjeiro e as migrações para as grandes cidades, feita geralmente pelos chefes de família que não conseguiam tirar o sustento da terra que cultivavam, originou um enorme desfalque nos que poderiam vir a ser futuros jogadores. Por outro lado, a facilidade de aquisição de armas de fogo contribuiu, tambem, para a "desnecessidade" de jogar o pau, pois a justiça pessoal feita com o pau, exigia um treino de vários anos para realmente alguem poder confiar na eficiência da sua arma. Ora as armas de fogo não exigiam nenhuma preparação especial, e os "treinos" eram feitos na época da caça, tornando-se não só muito menos cansativos, como até divertidos e lucrativos. Daí a preferência pela caçadeira para resolver problemas de desvios de águas, furtos de toda a ordem, etc..

São pois, estas algumas das razões da quási extinção desta arte no norte de Portugal.

- Antes de acabar, gostava de lembrar aos leitores que agradecemos sempre o envio de informação, tal como histórias, fotografias, episódios, etec., tudo relacionado com o jogo do pau, de modo a tornar este Boletim o mais completo possível.

x x x x x x x x x x x x x x

A sede provisória da Associação Portuguesa do Jogo do Pau é na Rua das Portas de Stº. Antão nº 110-1º (edífico Ateneu Comercial de Lisboa).
Aí, às 3ªs e 5ªs feiras a partir das 21.30 e aos Domingos a partir das 10.30, poderá falar com os responsáveis pela Associação e com os Mestres, assistir a aulas e, eventualmente, até dar umas "pauladas".
Será sempre bem acolhido. E leve um amigo tambem !
A taxa de inscrição como sócio na APJP é mesmo barata: 100$00 escudos anuais (no primeiro ano, acrescidos de mais 100$00 para jóia, cartão, etc.).

ApareçA ! CompareçA ! AssistA ! VejA !
Faça-se jogador de pau !

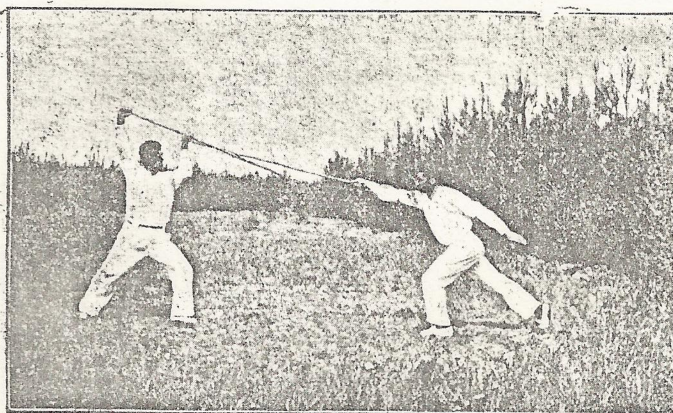
Grandiosa Tarde de

Jogo de Pau e Baile

Que se realiza no Domingo, 17 de Julho de 1960 – Às 18 horas, na

BREJOEIRA

no recinto do Sr. Tomé (junto à estrada da Moita a Palmela)



Nesta mais sensacional sessão de Jogo de Pau até hoje realizada nesta região, tomam parte os mais distintos mestres e jogadores desta esgrima

Domingos Miguel

O grande mestre do Ateneu Comercial de Lisboa, que se fará acompanhar dos mais valentes jogadores desta colectividade

António N. Caçador, Elias Gameiro e Pedro Ferreira

José R. Chula

O grande mestre do Sul, que põe sempre em prova o valor da sua classe, que tambem apresenta os seus valentes discipulos

José Policarpo, Ernesto Alves, Garcia dos Santos e o principiante António Policarpo

Silvino Melro

Conhecido na sua região como um dos grandes mestres desta modalidade, que também apresenta os seus mais destemidos discipulos

Manuel Cunha, António S. Brinca e Joaqum M. Espalha

Todos estes mestres e jogadores dos três grupos, defrontar-se-ão nos mais vantes assaltos, para assim porem em prova o valor das suas classes perante os seus adradores.

Nos intervalos e depois do jogo de pau haverá um deslumbrante BAILE, abrilhantado pelo distinto acordeonista INOCENCIO CABRIT A, que vem executar o seu novo e vasto reportório de música de dança

 **Todos ao Jogo de Pau!**

Todos a esta grande tarde de Esgrima Nacional!

Tip. Comercial — Barreiro — Tel. 032160 — 200 ex — 15-6-1960

ARTE do JOGO do PAU

E Joaquim António Ferreira, da cidade de Guimarães
-1886-

-Varrimento de cruz-

Quando o inimigo me vier com uma pancada á cabeça ou da banda, devo retirar um passo e varrimento á rectaguarda, vir á frente com o mesmo passo e varrimento para apanhar o inimigo, e d'ahi devo vigiar um passo e um varrimento pela minha frente á réctaguarda; se o inimigo vier do lado das minhas costas, devo entrar de lado com dous passos e varrimentos por cima da cabeça; se o inimigo me procurar, devo desfazer os mesmos passos e varrimentos, tocando o meu pau o do inimigo; d'ahi, venho á frente com um passo e um varrimento para apanhar o inimigo, e em seguida devo fugir pela frente para a retaguarda com dous passos e dous varrimentos e vir á frente com os mesmos dous passos e varrimentos.

-Varrimentos dobrados-

Quando, de noite, eu siga por uma estrada e encontre o inimigo, devo marchar á frente com dous passos e varrimentos dobrados; e, assim que eu cortar a pancada do inimigo, devo desandar com o segundo varrimento pelas pernas.

-Corrida-

Quando eu seguir por uma estrada e me appareça um inimigo pela frente e outro pela retaguarda, devo vigiar um passo e um varrimento para cortar a pancada do inimigo, e vir á frente com outro passo e varrimento para apanhar o inimigo; se o não podér apanhar, devo dar dous passos e dous varrimentos rebatidos á frente, e torno a vigiar um passo e varrimento rebatido e venho á frente para apanhar o inimigo.

Da mesma fórma, quando eu for por um caminho estreito e me sáia um inimigo pela frente e outro pela retaguarda, devo vigiar um passo, coberto com o pau; assim que eu apare a pancada, devo largar a mão de traz, vir com a perna de traz á frente, deitar a mão ao pau do inimigo e dar-lhe com a ponta do meu; em seguida devo aparar a pancada do inimigo da frente e dar-lhe uma pontuada.

Quando igualmente encontrar um inimigo que me venha com uma pancada á cabeça, devo aparal-a com o meu pau; assim que a tiver aparado, cresço com a perna de traz para a frente e com varrimento para apanhar o inimigo; se acaso o não apanhar, dou-lhe o segundo passo e varrimento.

Se o inimigo me der uma pontuada, devo deital-a para fóra; se fôr de perto, dou-lhe outra; se,porém, fôr a distancia razoavel, devo crescer com dous passos e dous varrimentos para apanhar o inimigo.

Tambem se o inimigo me vier com uma pancada á perna, devo retirar a perna de diante para ao pé da outra; assim que passe a pancada, venho com a perna para a frente e dou dous passos e dous varrimentos para apanhar o inimigo.

Quando eu fôr por uma estrada e me venham dous inimigos pela frente, mas cada qual pelo seu lado, devo vigiar um passo para fóra com um varrimento por cima da minha

cabeça e vir á frente para apanhar um dos inimigos; e, se acaso o não podér apanhar, dou-lhe um viracostas singelo ou dobrado; mas quando fôr com o viracostas para um, devo descompôr o pau do outro.

Da mesma maneira, quando eu fôr por uma estrada onde veja inimigos d'um e d'outro lado, devo dar os viracostas dobrados e singelos, sempre encadeàdos, para sahir d'elles para fóra.

-Jogo do meio-

Quando me encontrar cercado de inimigos, devo fazer sete passos em pé firme com os varrimentos por cima da minha cabeça; logo que ganhe terreno, cresço com dous passos e dous varrimentos á frente; depois sacudo o lado das minhas costas com um varrimento rebatido e venho á minha frente e dou-lhe um viracostas singelo; torno a sacudir ao lado e venho á frente com um passo e um varrimento, devendo tambem dar um passo á retaguarda e vir á frente e furtar a perna de traz ao lado das minhas costas; em seguida devo ladear pela minha retaguarda com um varrimento rebatido para o lado do meu peito; depois ladeio pela minha frente antes que eu chegue ao da minha frente tambem; sacudo o lado das minhas costas com um varrimento rebatido, e d'ahi furto a perna ao lado do meu peito e ladeio pela minha frente; torno a sacudir o lado das minhas costas, e cresço com a outra perna á frente para apanhar o inimigo.

Se eu fôr tambem perseguido do lado do meu peito, devo marchar com um passo á frente e desandar um passo ao lado das minhas costas para apanhar o inimigo.

Quando tambem eu esteja no meu recto e um dos inimigos me persiga pela retaguarda, devo dar um passo á frente com a mesma perna que vai a furto á retaguarda, e dar-lhe com o segundo passo e varrimento para apanhar o inimigo.

Tambem quando fôr a ladear pela minha frente e o inimigo venha da minha retaguarda, devo furtar a perna que vai á frente pela retaguarda e dar-lhe com o segundo passo e varrimento para apanhar o inimigo.

Quando estiver a distancia, devo ladear pela minha retaguarda e sacudir; em lugar de rebater a pancada não a rebato, mas retiro o meu pau e dou-lhe uma pontuada.

Quando os inimigos me perseguirem pelo lado das costas devo dar um viracostas atravessado para o lado do meu peito; em seguida sacudo o lado e ladeio pela parte mais fraca.

Quando os inimigos se encontrarem a distancia mas um venha mais perto, devo dar um viracostas singelo; posso, da mesma forma, dar um viracostas atravessado, se o inimigo vier do lado do meu peito.

Devo tambem sacudir ao lado das minhas costas salteando, e furtar a perna para me encontrar de frente com os inimigos; em seguida devo ladear por fóra d'elles pela parte mais fraca; depois ladeio pela esquerda ou pela direita ou para a minha retaguarda, pelo melhor terreno, e assim que eu ajuntar tres inimigos dou dous passos e dous varrimen-

tos a todo o comprimento, e d'ahi sacudo o lado, mas vigiando-me sempre.

Quando tambem eu andar no meio dos inimigos e um ou mais me persiga de frente, devo vigiar um passo fóra, furtar a perna e ladear pela parte mais fraca.

Quando aconteça estar á beira d'uma parede e os inimigos me procurem devo sacudir o lado e vir á frente, tornar a sacudir e vir outra vez á frente, crescendo sempre por meio d'elles para me vêr d'alli fóra; em seguida ladeio pela sua retaguarda para os destroçar. Ladeio sempre em volta dos inimigos, porque nunca me devo deixar cercar por elles.

Logo que um meu amigo se veja cercado de inimigos, devo ir pela retaguarda d'elles; sacudo a minha retaguarda e venho á frente para apanhar um dos inimigos; torno a ladear com os mesmos movimentos e sempre em volta d'elles para os destroçar, e logo que me junte ao meu amigo devemos guardar as costas um ao outro. Quando, porém, nos convier, devemos marchar com dous passos e dous varrimentos em frente, salteados; se o meu amigo fôr perseguido, deve vigiar um passo fóra e marchar com dous passos e varrimentos salteados á frente; eu devo caminhar para o lugar do meu companheiro para cortar o inimigo; devemos tambem vigiar fóra e marchar com dous passos á frente, salteados, para cobrir as costas um ao outro, ladeando pela parte mais fraca e vigiando-nos as costas mutuamente.

Estando quatro companheiros ameaçados, devem fazer um quadrado á distancia de quatro passos uns dos outros; e, quando vierem os inimigos por um dos lados, devem os dous retirar um passo á retaguarda e vir á frente para ter mão no inimigo; os outros dous devem ladear um pela direita e outro pela esquerda para cortarem a retaguarda aos inimigos e ficar o quadrado feito, devendo tambem vigiar um passo as costas uns dos outros e marchar com dous passos salteados á frente. Igualmente hão de vigiar meio passo para a direita ou para a esquerda e marchar com dous passos e varrimentos salteados para cortar o inimigo, e sempre vigiando as costas uns dos outros.

-Jogo contra jogo-

Logo que me saia um jogador de pau, devo pôr o meu no recto: se elle me der dous passos á frente, devo fugir tambem pela minha frente para a retaguarda com dous passos e dous varrimentos; se o inimigo ladear pela minha direita, eu ladeio pela minha esquerda; se o inimigo ladear primeiro e venha á frente, retiro um passo coberto; e, logo que eu apare o rebatido, dou-lhe uma pontuada.

Quando o inimigo ladear e me dê uma pontuada, devo retirar um passo atraz com um varrimento; se o inimigo me procurar do lado do meu peito, dou-lhe um viracostas singelo; e, se me procurar do lado das mihhas costas, dou-lhe o viracostas dobrado, isto porém á distancia de tres passos. Se eu ficar mais perto, dou-lhe dous passos e dous varrimentos rebatidos ao ladear; se o inimigo me fizer meia volta, devo retirar um passo ou varrimento e dar-lhe uma pontuada,

tambem ao ladear; se o inimigo vier com o varrimento rebatido, córto a pancada e rebato á cabeça do inimigo; e tambem em lugar de rebater á cabeça, posso dar um varrimento ás pernas do mesmo inimigo.

Da mesma fórma ao ladear, se o inimigo vier com o varrimento rebatido, retiro o pé de diante de junto da outra perna; e, assim que a pancada cahir, cresço a perna á frente e desando-lhe um varrimento pelas pernas; se, porém, não apanhar o inimigo, cresço mais um passo.

Tambem ainda ao ladear, se fôr de perto, córto o varrimento e dou-lhe uma pontuada: e juntamente ao ladear, se fôr direito, devo fazel-o com a minha perna direita na frente: assim que o inimigo me procurar do lado das minhas costas, devo furtar a perna de traz ao inimigo e crescer com o segundo passo e varrimento para o apanhar.

Quando ladear de perto devo cortar o ladeamento, crescer com a perna de traz á frente e largar a mão de traz para agarrar o pau do inimigo, dando-lhe com a ponta do meu.

Ainda ao ladear, quando o inimigo vier á frente devo estar com os braços em cruz; e, assim que o varrimento tocar no meu pau, ladeio ao lado com um varrimento á cabeça do inimigo.

Ao ladear tambem, no primeiro passo devo executar meia volta e mais um passo para apanhar o inimigo.

Quando o inimigo der dous passos a pequena distancia, devo-o esperar com um oitavo á frente, cortar o primeiro varrimento, largar a mão de traz, crescer com a perna da retaguarda á frente, deitar a mão ao pau do inimigo e dar-lhe com a ponta do meu. Quando aconteça que o inimigo venha de maior distancia devo, no primeiro passo e varrimento que o inimigo me fizer, retirar a cara para traz e ao mesmo tempo desandar com um varrimento a todo o comprimento. Igualmente succedendo que o inimigo venha com dous passos, devo, no primeiro, afastar a cara para a retaguarda e recolher um pouco o pau; e, assim que tenha passado o varrimento, dar-lhe uma pontuada. Quando estiverem dous direitos ou dous esquerdos, um feito e outro refeito, e que venha o varrimento, devo deixar passar o primeiro, retirar atraz e vir depois á frente com uma pancada ao inimigo.

Se eu estiver feito, só posso ir com os passos oitavados, coberto; estando um esquerdo e outro direito ambos refeitos, podem ir á frente cobertos para apararem o varrimento do inimigo. Quando estiver encostado a uma parede e o inimigo meça a pancada de cima, devo aparal-a; ao mesmo tempo ladeio com o pé de diante ao lado e a segunda perna vai acompanhando a outra; em seguida dou-lhe uma pontuada.

Se o inimigo me vier com uma pancada á perna, tenho a aparal-a com a ponta do meu pau no chão, e dou-lhe uma pontuada; se me der uma pontuada, deito-a fóra e dou-lhe outra. Se o inimigo me der pancada da banda devo, com o meu pau no recto, crescer um passo oitavado para lhe aparar a bordoada ao meio do pau, e dou-lhe uma pontuada; mas se eu ficar de mais perto largo a mão de traz e cresço rapidamente para elle, deito-lhe a mão ao pau e dou-lhe com a ponta d'elle por onde me convier.

Se me der uma pancada oitavada que venha do lado direito, devo ladear, coberto o meu lado esquerdo, e desandar-lhe uma pancada á cabeça; e, se a pancada vier do lado esquerdo, ladeio para o meu lado direito e desando uma pancada ao inimigo.

Quando eu fôr por uma estrada onde haja uma arvore, a esquina d'uma parede ou mesmo um penedo, devo, se fôr direito, pegar no pau com a mão esquerda, passar para o outro lado e vigiar sempre para não ser atraiçoado.

Quando estiver n'uma feira, devo estar attento e vigiar para todos os pontos; se vier um homem desconhecido pela banda das minhas costas, passarei para o lado do meu amigo afim de ficar de cara com o homem e não ser atraiçoado.

Igualmente, quando de noite me retirar d'alguma casa, darei, á sahida da porta, uma pancada forte na soleira, sempre coberto com o meu pau para evitar alguma traição.

Quando tambem de noite, fôr bater a qualquer casa, pegarei no meu chapéu e pôl-o-hei na ponta do meu pau; e, assim que se me abrir a porta, darei uma passada forte, e ao mesmo tempo metterei o pau adiante com o chapéo em cima; se casualmente vier alguma pancada, apanhal-a-ha o chapéo e não a minha cabeça.

Quando estiver a bater-me com o inimigo ou inimigos; terei cuidado em não deixar chegar ao pé de mim nem parentes nem amigos, para não ser atraiçoado.

Todos estes passos devem ser executados rapidamente e com toda a vigilancia.

Nota: a transcrição da obra "Arte do Jogo de Pau", de JOAQUIM ANTÓNIO FERREIRA (da cidade de Guimarães), em edição de 1886, só foi possível graças à amabilidade do Exmº. Sr. Mário de Aquino, de Lamego, o qual nos cedeu fotocópia integral de tão interessante **livro**.

A partir do próximo número de "O Pauladas", iniciaremos a transcrição de "ETNOGRAFIA PORTUGUESA" - Tentame de sistematização pelo Dºr. J. Leite de Vasconcellos - Volume VI - organizado por M. Viegas Guerreiro com a colaboração de Alda da Silva Soromenho e Paulo Caratão Soromenho - Prefácio de Orlando Ribeiro * Lisboa - Imprensa Nacional-Casa da Moeda - 1975 *, no que diz respeito a termos relacionados com pau ou jogo do pau, e graças à valiosa oferta feita à APJP, pelo Exmº Sr. Dr. Paulo Gustavo Caratão Soromenho, de fotocópias do subcapítulo "Arrimos e Armas" da mesma obra.

Aproveitamos para, pùblicamente, agradecermos a estes dois ilustres colaboradores as ofertas indicadas, esperando que tal exemplo frutifique. Aliás, outra colaboração já apareceu e dela damos mesmo conhecimento neste mesmo número do nosso boletim.

x x x x x x